

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 75
 Data: 04.02.73 Pg.: 19

Os autores da chacina: quatro meninos atroaris

Do Correspondente em
MANAUS

O sobrevivente da chacina dos índios atroaris, Luís Duarte, revelou ontem ao assessor especial da Funai dois fatos novos sobre o episódio no Rio Alalau: quem trucidou os três empregados da Funai foram somente os atroaris, sem a participação sequer de um índio waimiri; e as flechadas mortais atiradas em Altamir Cardoso de Aguiar e em Rafael Fonseca Padilha foram desferidas por quatro índios menores, com idade entre 13 e 15 anos. Luís Duarte voltou ontem a ser ouvido pela Funai e muitos ângulos novos do massacre foram explicados em detalhes pelo único sobrevivente.

Luís Duarte esclareceu que Celso Maia, o homem que provocou os indígenas com gestos obscenos, conviveu com os 4 empregados da Funai no posto onde ocorreu o massacre. Rafael Fonseca, um dos mortos, ainda chamou à atenção de Maia (para que não mexesse com os índios, porque eles po-

dem matar todos nós). O sobrevivente contou também que mais ou menos no dia 22 de outubro — a última visita dos índios antes do massacre, um grupo de silvícolas esteve no subposto e um deles, talvez o chefe do grupo, chamou Rafael e disse que "homem branco mau, morre, morre". A penúltima visita dos índios ao subposto da Funai foi de apenas 15 ou 20 minutos e como eles não encontraram nem Celso Maia nem o sertanista Gilberto Pinto, foram embora "mas desconfiados e pisando forte na terra, em sinal de revolta", disse Luís Duarte.

Na véspera do massacre os 4 empregados da Funai chegaram a ouvir, à noite, sinais da presença de índios. Ouviram assobios vindos da mata, como que um sinal que o índio dá a um outro quando está caçando. Neste momento, Ernesto Nascimento de Aguiar, o último a morrer flechado pelos índios, comentou: são os índios que devem estar caçando por aqui. Dormiram e, no dia seguinte, 16 de janeiro, eles acordaram e notaram a presença de 20 índios, só homens, armados com flechas grandes.

— Eram vinte, dentre eles quatro menores com mais ou menos 13 a 15 anos de idade, e foram eles que flecharam o Rafael e o Altamir. Eu vi bem quando o mais velho deles disse para os quatro: Curé, Curé (mata, mata), apontando para o Rafael, que ouvindo isso correu em direção ao rio sendo flechado pelos índios menores.

O sertanista Gilberto Pinto voltou a falar ontem com a Funai, diretamente do Rio Santo Antonio do Abonari, transmitindo a situação no posto, que até ontem estava ocupado pelos atroaris. Ontem de manhã, os índios rumaram para suas malocas sem nada dizer ao sertanista.

Gilberto Pinto encontrou, entretanto, próximo ao barracão uma flecha com suas penas brancas de ave, cruzadas, o que segundo o ritual indígena representa o sinal de que os atroaris querem paz.

Na opinião do General Antonio Coutinho, delegado da Funai em Manaus, os índios "agora viverão em paz, uma paz que eles interromperam durante seis meses, à caça do homem que feriu os seus brios — Celso Maia — que culminou com a morte dos três trabalhadores.

MAIA DESMENTE

O mateiro, Celso Moreira Maia, cearense, na Polícia Federal desmentiu as acusações que estão sendo feitas pela Funai de que ele fora o causador direto do massacre dos atroaris.

— O massacre foi feito por que os trabalhadores da Funai fizeram alguma ofensa aos índios, pois eles não atacam ninguém sem motivos. Se eu estivesse lá não teria havido massacre, os silvícolas gostavam de mim e sempre me atenderam.

chegando mesmo a trabalhar no carregamento dos mantimentos.

— Quando eu estive no Alalau — afirma Celso — não houve nenhum massacre. Também nunca participei de nenhuma festa. Tive conhecimento que o

pessoal da estrada e da Funai e os índios fizeram uma festa de confraternização, comemorando a passagem da BR-174 pelo território dos atroaris. Os trabalhadores são testemunhas de que não cometi nenhuma imprudência com os índios.

Citou como testemunhas do que afirma os mateiros Pedro Leandro, João Tavares, Jurandir Santos, José Pereira, Antonio e Evlasio, que moram em Manaus e podem ser localizados a qualquer momento pela Polícia Federal e Funai. Afir-

mou ainda que não bebe e até hoje continua com malária. Faz um desafio à Funai: aceita ser levado à presença dos atroaris para provar que é estimado pelos silvícolas, e não tem nenhum peso na consciência.

— As acusações da Funai são uma infâmia. Posso ir agora mesmo ao encontro dos índios, falar com eles, sem nenhum medo. Acho mesmo que os trucidadores foram os únicos responsáveis pela rebelião entre os atroaris.



Foto correspondente em Manaus
 Luís Duarte, o sobrevivente